



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ANDRÉ STADNIKI MORATO PEDREIRA**

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA  
A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA PARA  
O ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BRASÍLIA/DF**

**BRASÍLIA  
2023**

ANDRÉ STADNIKI MORATO PEDREIRA

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA  
A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA PARA  
O ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BRASÍLIA/DF**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação  
Física da Universidade de Brasília, como  
parte dos requisitos para a obtenção de  
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Noriberto Barbosa da  
Silva

**BRASÍLIA**

**2023**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANDRÉ STADNIKI MORATO PEDREIRA

**AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA  
A IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA PARA  
O ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE BRASÍLIA/DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito básico para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Noriberto Barbosa da Silva

---

Prof. Dr. Daniel Cantanhede Behmoiras

**BRASÍLIA**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primordialmente a minha família, Susana, João Carlos e Rafael, por me dar todo o apoio necessário para concluir essa formação, em especial meus pais, que são ambos professores de Educação Física formados pela Universidade de Brasília. Minha mãe, atualmente atuante na área escolar, colaborou de forma singular durante todo o trajeto da formação e execução do trabalho em questão, com importantes sugestões, dicas e caminhos que me serviram de guia para a minha formação.

Agradeço também meus avós Paulo, Adel, Myron e Iracema, pelo apoio incondicional para que hoje eu esteja concluindo o ensino superior na área que eu amo. Além disso, agradeço minha namorada Giovanna por colaborar com sugestões e dicas para a minha apresentação, além de sua contribuição no fim do curso.

Agradeço a todos meus amigos próximos e colegas de formação, em especial aos amigos que estiveram comigo durante toda a graduação, como o Danilo, a Esther, e tantos outros que me ajudaram com elaboração de trabalhos em grupo, duplas de estágio, além de colaborar na construção desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos os professores de Educação Física que estiveram no meu percurso de vida, sejam eles professores de Educação Básica ou Superior, todos contribuíram de alguma forma na escolha e conclusão desse curso.

*“Um pouco de aventura liberta a alma  
cativa do alçoz cotidiano.”*

*Clarice Lispector*

*“A mutação  a chave para a nossa  
evoluo.”*

*Professor X - X-men: O Filme (2000)*

*“Afirmar que se detm o conhecimento  
absoluto  se tornar monstruoso. O  
conhecimento  uma aventura  
interminável na borda da incerteza.”*

*Frank Herbert – Filhos de Duna (1976)*

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC Base Nacional Comum Curricular

PCAs Práticas Corporais de Aventura

CEF Centro de Ensino Fundamental

SEEDF Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

## RESUMO

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) são atividades que contemplam o currículo e o universo da Educação Física Escolar de forma recente. Podem ser encontradas outras denominações, como Esportes de Risco, Esportes Extremos, Esportes Alternativos, entre outras. Estas são práticas que envolvem principalmente elementos de vertigem e de risco controlado para a sua realização, podendo ser realizadas em ambientes urbanos ou na natureza. Ainda são poucas as referências na literatura científica que possam ser embasadas por profissionais de Educação Física e são muitas as dificuldades que podem ser encontradas na área escolar que afastam a implementação desse conteúdo, como a falta de materiais e espaços apropriados, a segurança, a formação insuficiente, entre outras. A revisão teórica dessa pesquisa foi concebida a partir de artigos encontrados no banco de dados do *Google Acadêmico*, além da utilização de documentos oficiais curriculares para a educação básica. Através de uma pesquisa de abordagem qualitativa, buscou-se investigar se as PCAs vêm sendo adotadas na área escolar em escolas de Brasília/DF para o Ensino Fundamental. Além disso, objetiva compreender como estas vem sendo realizadas e as principais dificuldades que os professores da amostra encontram dentro de suas vivências. A pesquisa obteve respostas de 25 professores de 18 escolas e os resultados indicaram que os professores ainda tem um grande leque de problemáticas que dificultam a inserção desse conteúdo dentro de seus contextos. No entanto, houve professores da amostra que elaboraram aulas desse conteúdo, com as principais atividades o *Slackline*, o *Skate* e a Escalada.

Palavras-chave: Práticas Corporais de Aventura, Educação Física Escolar, Dificuldades.

## ABSTRACT

Corporal Practices of Adventure are activities that contemplate the curriculum and the universe of School Physical Education in a recent way. Other denominations can be found, such as Risk Sports, Alternative Sports, Extreme Sports, among others. These are practices that mainly involve elements of vertigo and controlled risk for their realization, and can be performed in urban environments or in nature. There are still few references in the scientific literature that can be based on by Physical Education professionals and there are many difficulties that can be found in the school area that withdraw the implementation of this content, such as the lack of materials and appropriate spaces, security, insufficient training among others. The theoretical review of this research was conceived from articles found in the *Google Scholar* database, in addition to the use of official curriculum documents for basic education. Through a research with a qualitative approach, this research sought to investigate whether these practices have been adopted in schools in Brasília/DF for Elementary Education. In addition, it aims to understand how it has been executed and the main difficulties that the teachers in the sample encounter within their experiences. The survey obtained responses from 25 teachers from 18 schools and the results indicated that teachers still have a wide range of problems that make it difficult to insert this content within their contexts. However, there were teachers in the sample who developed classes for this content, with the main activities being *Slackline*, *Skateboarding* and Climbing.

Keywords: Corporal Practices of Adventure, School Physical Education, Difficulties.



## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

1. Figura 1 - Quadro de Objetivos e Conteúdos de Educação Física do 3º Ciclo – 1º Bloco para as Práticas corporais de aventura .....	22
2. Figura 2 - Quadro de Objetivos e Conteúdos de Educação Física do 3º Ciclo – 2º Bloco para as Práticas corporais de aventura .....	23
3. Figura 3 - Quadro de classificação de Esportes Radicais .....	25
4. Figura 4 - Quadro de caracterização de Esportes Radicais .....	26
5. Quadro 1 - Classificação resumida das Práticas Corporais de Aventura segundo os elementos constituintes apresentada por Inácio (2021) .....	27
6. Figura 5 - Gráfico quantitativo de professores respondentes .....	31
7. Figura 6 - Gráfico quantitativo de anos atuantes na SEEDF .....	31
8. Figura 7 - Gráfico quantitativo de PCAs realizadas pelos professores.....	32
9. Figura 8 - Gráfico quantitativo de dificuldades encontradas pelos professores .....	34

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	METODOLOGIA.....	14
3.	CAPÍTULO 1. AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS: BNCC E CURRÍCULO EM MOVIMENTO.....	18
4.	CAPÍTULO 2. REVISÃO TEÓRICA: DEFINIÇÕES, CLASSIFICAÇÕES E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	23
5.	CAPÍTULO 3. RESULTADOS E CONCLUSÕES.....	31
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

## 1. INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) ainda são um fenômeno relativamente recente no universo da Educação Física. Nos recentes Jogos Olímpicos de Verão de Tóquio 2020, foram introduzidas três modalidades de PCAs, sendo elas o *skate (park e street)*, o *surfe* e a escalada esportiva.

Dessa forma, há uma busca crescente pela sua realização, tanto para praticantes quanto para profissionais de Educação Física, sendo realizadas em ambientes escolares ou não. Para a escola, é recomendado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que as PCAs sejam realizadas nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

No entanto, é possível perceber que esse ainda não é um conteúdo prioritário nas escolas, principalmente públicas. Conforme resultados de outros estudos semelhantes realizados previamente, como o de Inácio *et al.* (2020) e o de Tahara e Darido (2018), é possível afirmar que grande parte das escolas e professores de Educação Física não priorizam o ensino de PCAs dentro de seus programas escolares. Os principais motivos estão relacionados com a ausência de materiais e espaços adequados, o receio em causar riscos de acidentes, a insegurança do professor em aplicar aulas que ele não possui uma formação adequada e a priorização de modalidades esportivas coletivas tradicionais. Todavia, também é possível afirmar que, para os professores e escolas que proporcionam vivências de PCAs, elas podem ser realizadas por meio de passeios fora das dependências escolares, por profissionais convidados ou pelos próprios professores que adaptam locais e materiais dentro do ambiente escolar.

Dessa forma, a presente pesquisa deste trabalho buscou investigar, em escolas públicas de Brasília/DF, acerca da aplicação e inserção das Práticas Corporais de Aventura no Ensino Fundamental e seus principais impeditivos e dificuldades para os professores de Educação Física, tendo em vista que, em geral, outras temáticas são mais trabalhadas nos ambientes escolares para a área de Educação Física, como o voleibol, o handebol, o futsal e outras atividades coletivas, como aponta Souza *et al.* (2019). Será que elas estão sendo desenvolvidas dentro dos programas escolares? Se estiverem, quais atividades estão sendo realizadas?

Quais são os fatores que impossibilitam ou dificultam a inserção desses conteúdos? Essas e outras perguntas foram elaboradas para compreender essa problemática nas escolas públicas de Brasília/DF.

Para isso, foi desenvolvido e aplicado um questionário para professores de Educação Física que lecionam para o Ensino Fundamental na Região Administrativa do Plano Piloto/Cruzeiro de Brasília/DF em escolas de Centro de Ensino Fundamental. Dessa forma, concebendo a perspectiva de um maior número de professores respondentes possíveis dentro da amostra, é viável realizar considerações acerca da realização ou não de Práticas Corporais de Aventura nas escolas públicas e suas principais adversidades.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 OBJETIVO GERAL**

A pesquisa tem como objetivo principal identificar se existem professores e escolas públicas em Brasília/DF que trabalham as Práticas Corporais de Aventura dentro dos seus programas escolares para o Ensino Fundamental.

### **1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

A pesquisa objetiva de forma específica compreender as problemáticas que os sujeitos da pesquisa vivenciam ou não no tocante à aplicação do conteúdo de Práticas Corporais de Aventura, envolvendo seus principais impeditivos, dificuldades e desafios para a implementação deste conteúdo em suas aulas.

Além disso, objetiva identificar as principais atividades que estão sendo executadas nas escolas e como elas estão sendo desenvolvidas.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O interesse pessoal para a pesquisa partiu de uma vivência ocorrida em uma Escola Parque em Brasília durante um período de estágio em que um professor propôs diversas atividades envolvendo o conteúdo de Práticas Corporais de Aventura para estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental utilizando materiais e espaços adaptados, porém com segurança. Dessa forma, a partir dessa experiência o pesquisador refletiu: se foi possível ensinar esse conteúdo para discentes crianças, por que não é possível para estudantes dos Anos Finais?

Além disso, como as PCAs são um fenômeno recém-chegado inclusive no âmbito acadêmico, fazem-se necessárias pesquisas renovadas sobre o assunto. Segundo Inácio (2020), “como conteúdo escolar as PCAs são ainda pouco difundidas, há baixo número de referências bibliográficas sobre o tema e menos ainda a quantidade de professores que se apropriaram das mesmas” (Inácio, 2020, p. 5).

Dessa forma, justifica-se essa pesquisa para ampliar o leque da literatura científica acerca desse tópico, a fim de explorar e compreender como esse fenômeno vem sendo desenvolvido em diferentes escolas de Brasília/DF.

Além disso, o estudo corrobora com a perspectiva de incentivar professores e atuantes na área a diversificar seu planejamento curricular com conteúdos não vistos com recorrência dentro do ambiente escolar, de forma a ampliar as vivências e experiências de discentes no âmbito de ensino-aprendizagem em aulas de Educação Física.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, em vista de que se busca retratar a realidade social e “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009, p. 21). Então, a pesquisa foi de cunho descritivo e analítico, utilizando-se impressões, pontos de vista e opiniões dos sujeitos pesquisados. Além disso, é de um modelo de estudo exploratório, com o objetivo de “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (Severino, 2013, p. 107).

Os sujeitos da pesquisa são os professores de Educação Física dos anos finais do Ensino Fundamental de Escolas de Centro de Ensino Fundamental (CEF) da Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/Cruzeiro em Brasília/DF. A pesquisa passou por um processo de autorização pela Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação - EAPE em memorando de Nº023/2023 em 21 de março de 2023, e enviado para a Coordenação Regional de Ensino de Plano Piloto. A fim de preservar o anonimato dos professores, eles foram enumerados com siglas P1 até P25, além de seus gêneros, seguindo a ordem pela qual eles responderam o questionário.

A coleta e análise dos dados foram realizadas por meio de um questionário elaborado e formatado na plataforma *Google Forms*. Um link de acesso foi gerado automaticamente pela plataforma que foi levado pelo pesquisador até as escolas e repassado aos professores de Educação Física.

A escolha para o Ensino Fundamental serviu para delimitar a pesquisa a um contexto específico e explorar os objetivos propostos para esse nível de ensino quanto ao conteúdo das PCAs. Como o Ensino Médio passa por mudanças estruturais recentes, caberia uma pesquisa futura específica para esta modalidade de ensino. Além disso, a ideia é que esse documento possa ser uma escrita introdutória sobre o tema, então a escolha para o Ensino Fundamental também serviu para introduzir os principais elementos que envolvem as PCAs para qualquer pessoa que se interesse pela temática, mesmo que ainda seja leiga no assunto.

Além disso, a escolha de pesquisar somente unidades escolares da Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/Cruzeiro se deu pela necessidade de pesquisar em escolas próximas da Universidade de Brasília pela questão temporal. Na época em que a pesquisa foi iniciada havia um indicativo de greve dos professores, que se iniciou no dia 4 de maio de 2023 e terminou no dia 26 de maio de 2023. Nesse sentido, caberiam pesquisas futuras para identificar a existência de PCAs em unidades escolares de localidades diversas do Distrito Federal.

Os artigos utilizados para a elaboração do trabalho foram encontrados no banco de dados do *Google Acadêmico* utilizando-se as seguintes palavras-chave: “Práticas Corporais de Aventura”, “Práticas Corporais de Aventura e Educação Física Escolar” e “Práticas Corporais de Aventura nas escolas”, tendo sido utilizados 18 artigos, uma dissertação de mestrado, 2 livros e 2 documentos oficiais, sendo eles a Base Nacional Comum Curricular (2018) e o Currículo em Movimento do Distrito Federal – Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais (2018).

Este trabalho foi dividido em 3 capítulos: o primeiro visa esclarecer como as Práticas Corporais de Aventura são retradas dentro do currículo escolar adotado para os Anos Finais do Ensino Fundamental, abordando seus objetivos e conteúdos em cada ano. Para isso, utilizou-se para o embasamento do estudo a Base Nacional Comum Curricular (2018), para uma perspectiva nacional, e o Currículo em Movimento do Distrito Federal (2018) para uma perspectiva regional; o segundo busca trazer uma revisão teórica acerca dos principais estudos e autores que foram realizados acerca da temática e suas contribuições; Por fim, o terceiro capítulo relata e discute os resultados encontrados da pesquisa.

## 2.1 A PESQUISA

A pesquisa abrangeu 20 das 21 escolas do Centro de Ensino Fundamental (CEF) da Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/Cruzeiro em Brasília/DF. A unidade escolar “Centro de Ensino Fundamental 01 do Varjão” foi desconsiderada para a pesquisa, em virtude de que ela recebe estudantes de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), cujos professores não se configuram como uma amostra para essa pesquisa.

Ao todo, essas 20 escolas possuem 51 professores de Educação Física que se enquadram no perfil estabelecido para a amostra. Assim sendo, foi possível coletar respostas de 25 professores no questionário, abarcando 18 escolas em que eles trabalham.

### 2.1.1 O QUESTIONÁRIO

O questionário foi elaborado e formatado na plataforma *Google Forms*. Ele possui 17 perguntas, sendo dez objetivas e sete discursivas.

As quatro primeiras perguntas são de cunho identificativo, com objetivo de compreender as escolas de cada professor (a), quantos anos ele (a) está lecionando pela Secretaria de Educação do Distrito Federal e quais anos do Ensino Fundamental ele (a) atua no momento em que respondeu o questionário.

As perguntas 5, 6 e 7 questionam se os professores já elaboraram aulas com o conteúdo de Práticas Corporais de Aventura, exemplificando quais foram realizadas. Dessa forma, na pergunta 6 optou-se pelas opções: Skate; Escalada; Patins; Ciclismo; Slackline; Trekking; Outros e Não elaborei ainda. Assim, a pergunta 7 deixa o espaço para os professores que marcaram a opção “Outros” exemplifiquem quais foram as atividades realizadas.

As perguntas 8 e 9 questionam as principais dificuldades encontradas nas vivências dos professores. No questionário objetivo, optou-se por colocar as seguintes opções de marcações: Ausência de materiais apropriados; Ausência de



espaços apropriados; Segurança; Formação acadêmica insuficiente para esses conteúdos; Calendário reduzido/priorização para outros conteúdos e Outros. A pergunta 9 serviu para os professores que marcaram a opção “Outros” exemplificarem quais foram essas dificuldades.

As perguntas 10 e 11 buscam compreender os locais e os materiais que foram utilizados para a realização das atividades de PCAs. Assim, pergunta-se se foram espaços dentro ou fora da escola e se foi necessário improvisá-los, assim como quais materiais foram utilizados e também se foi necessário improvisá-los.

A pergunta 12 questiona se o professor já percebeu algum interesse por parte dos discentes acerca do conteúdo de PCAs e a pergunta 13 questiona se existe algum tipo de apoio por parte da equipe gestora da escola para aperfeiçoar a introdução dessas práticas no ambiente escolar.

As perguntas 14 e 15 questionam se os professores já utilizaram meios audiovisuais para a abordagem desse conteúdo. Nesse sentido, optou-se pelas marcações: Filmes; Apresentações; Podcasts; Vídeos e Outros.

A pergunta 16 busca compreender se os professores já abordaram o tema de Práticas Corporais de Aventura alinhando com temas transversais sobre preservação de espaços urbanos e/ou sustentabilidade ambiental.

Por fim, a 17ª e última pergunta deixa um espaço aberto para os professores deixarem algum comentário que pudesse enriquecer a pesquisa.

### 3. CAPÍTULO 1. AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS: BNCC E CURRÍCULO EM MOVIMENTO

#### 3.1. PCAS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (2018)

A Base Nacional Comum Curricular (2018) é um documento nacional normativo que

define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 9).

Dessa forma, é um documento que normatiza os conteúdos e progressões curriculares que devem ser elaborados pelas escolas e professores no âmbito nacional.

Neste documento, dividem-se, para o Ensino Fundamental, os conhecimentos em Áreas, sendo elas as Áreas de Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

A Educação Física configura um componente curricular obrigatório integrado na Área de Linguagens. Dessa forma, entende-se a temática da Educação Física como “diferentes formas de codificação e significação corporal, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (Brasil, 2018, p. 213). Essa concepção alia-se com a definição de “Cultura Corporal” proposta nas concepções crítica-emancipatória de Kunz (1994) e crítica-superadora do Coletivo de Autores (1992). Para a segunda, define-se essa manifestação como um

acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros (Soares *et al.*, 1992, p. 38).

Assim, para a Base Nacional Comum Curricular (2018), essas formas são utilizadas como seis unidades temáticas, sendo elas as Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura.

As Práticas Corporais de Aventura, foco desse trabalho, são recentes neste documento, sendo inseridas na Base Nacional Comum Curricular em 2018. Para a BNCC, nessas práticas

exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador (Brasil, 2018, p. 218).

Além disso, para a BNCC (2018), é dito que essa unidade temática pode receber diferentes denominações, sendo elas “esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos” (Brasil, 2018, p. 218), assim como classificações diversificadas. Como forma de definir uma classificação, a BNCC utiliza-se da diferenciação de Práticas Corporais de Aventura Urbanas ou Práticas Corporais de Aventura na Natureza.

Para as Práticas Corporais de Aventura Urbanas, a BNCC (2018) diz que elas “exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática de parkour, skate, patins, bike etc.” (Brasil, 2018, p. 219), enquanto as Práticas Corporais de Aventura na Natureza

se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, como em corrida orientada, corrida de aventura, corridas de mountain bike, rapel, tirolesa, arborismo etc. (Brasil, 2018, p. 218).

Dessa forma, para ambas o documento preconiza a ideia de que nessas práticas são comuns as expressões de vertigem e risco controlado como condições para a sua realização. Inácio *et al.* (2016) em um estudo que objetiva analisar o conteúdo das PCAs dentro da BNCC aponta uma certa carência na definição no tocante à diferenciação dessas práticas com outras unidades temáticas da Educação Física escolar. Segundo o grupo, classificá-las por via de características de vertigem e risco controlado é insuficiente, visto que em outras atividades mais tradicionais essas condições também estão presentes. Dessa forma, há uma falta de clareza em definir, dentro do documento, quais atividades são ou não consideradas Práticas Corporais de Aventura.

As Práticas Corporais de Aventura são indicadas para os anos finais do Ensino Fundamental até o Médio e, como dito anteriormente, subdivide-se em dois objetos de conhecimento: “Práticas corporais de aventura urbanas” e “Práticas

corporais de aventura na natureza" (Brasil, 2018, p. 218). Assim, de acordo com a BNCC, para o Ensino Fundamental, a primeira é indicada para os 6º e 7º anos e a segunda para os 8º e 9º anos.

Para os 6º e 7º anos, a BNCC apresenta as seguintes habilidades que os estudantes devem desenvolver para as "Práticas Corporais de Aventura Urbanas":

**(EF67EF18)** Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura urbanas, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais. **(EF67EF19)** Identificar os riscos durante a realização de práticas corporais de aventura urbanas e planejar estratégias para sua superação. **(EF67EF20)** Executar práticas corporais de aventura urbanas, respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços. **(EF67EF21)** Identificar a origem das práticas corporais de aventura e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização) e seus tipos de práticas (Brasil, 2018, p. 235).

Assim sendo, é possível identificar a importância que a BNCC exprime acerca de fatores como segurança, identificação de riscos, respeito ao patrimônio público e reconhecimento de características específicas de cada prática. (Brasil, 2018).

Para os 8º e 9º anos, a BNCC apresenta as seguintes habilidades que os estudantes devem desenvolver para as "Práticas Corporais de Aventura na Natureza":

**(EF89EF19)** Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental. **(EF89EF20)** Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza. **(EF89EF21)** Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas (Brasil, 2018, p. 239).

Nesse objeto de conhecimento, alguns pontos como a segurança, identificação de riscos e reconhecimento de características específicas das práticas são repetidos das Práticas Corporais de Aventura Urbanas e, no lugar de respeito ao patrimônio público, utiliza-se o respeito ao patrimônio natural (Brasil, 2018).

### **3.2 PCAS NO CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL – ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS – ANOS FINAIS (2018)**

O Currículo em Movimento do Distrito Federal – Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais (2018), aliado à BNCC (2018), também preconiza a ideia da Educação Física Escolar fundamentada em princípios orientados por “teorias críticas, buscando aproximar as relações da Educação Física com a realidade social e a função social da escola” (Distrito Federal, 2018, p.109). Dessa forma, também condiz com a importância da Educação Física Escolar para a “compreensão dos sentidos e significados da cultura corporal e os modos como esta contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes nas diversas dimensões humanas” (Distrito Federal, 2018, p.109).

Assim, utiliza-se a visão da Educação Física como ferramenta de desenvolvimento integral do estudante, abarcando todas as dimensões (afetiva, cognitiva, social e motora) em articulação com as demais áreas de conhecimento.

Com isso, ressalta-se a importância de trabalhar o conteúdo da Educação Física alinhando com temas de Eixos Transversais, sendo eles: “Educação para a Diversidade; Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade” (Distrito Federal, 2018, p.110).

Além disso, este documento corrobora com a ideia de um currículo progressivo,

valorizando a autonomia do professor e da escola para o planejamento do trabalho pedagógico, de acordo os princípios epistemológicos de um Currículo Integrado que preconiza a definição de objetivos e conteúdos contextuais, flexíveis, interdisciplinares e que evidenciam a indissociabilidade entre teoria e prática (Distrito Federal, 2018, p. 110).

Para o 3º Ciclo do Ensino Fundamental (Anos Finais) são indicadas as mesmas seis unidades curriculares da BNCC para integrar os blocos de conteúdos que devem ser planejados por professores, respeitando-se a progressão curricular. Para este documento, ressalta-se a importância de cada conteúdo ser ajustado

à realidade de cada unidade escolar, o que possibilita ao professor não se restringir a conteúdos relacionados no Currículo, como se este fosse um receituário fechado para o desenvolvimento de seu trabalho no cotidiano escolar, mas sim com autonomia e originalidade buscar o avanço de todas

as aprendizagens dos estudantes (Distrito Federal, 2018, p. 110).

No que tange às Práticas Corporais de Aventura Urbanas, para os 6º e 7º anos, o Currículo em Movimento do Distrito Federal – Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais (2018) apresenta o seguinte quadro de objetivos e conteúdos que devem servir de orientação para os professores e unidades escolares:

Figura 1 - Quadro de Objetivos e Conteúdos de Educação Física do 3º Ciclo – 1º Bloco para as Práticas corporais de aventura

6º ANO		7º ANO	
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer e vivenciar práticas corporais de aventura urbanas, adaptando-as aos materiais e espaços disponíveis na escola.</li> </ul>	<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Características gerais das práticas corporais de aventura urbanas</li> <li>• Adaptação de práticas corporais de aventura urbanas no contexto da escola</li> </ul>	<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar os conhecimentos sobre práticas corporais de aventura urbanas, participando de atividades adotando condutas de segurança e respeito ao patrimônio público.</li> </ul>	<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Práticas corporais de aventura urbana (skate, <i>parkour</i>, patins, BMX etc.)</li> <li>• Respeito ao patrimônio e condutas de segurança</li> </ul>

Fonte: Distrito Federal, 2018, p.121

Assim, percebe-se um alinhamento com a proposta da BNCC (2018), porém subdividindo os objetivos propostos para cada ano específico. Para o 6º ano, busca-se conhecer e vivenciar as PCAs urbanas e para o 7º busca-se ampliar essas vivências com enfoque a adotar condutas de segurança e respeito ao patrimônio público (Distrito Federal, 2018). Além disso, o documento traz exemplos de PCAs urbanas que podem servir de referência para o professor, como “skate, *parkour*, patins, BMX, etc.” (Distrito Federal, 2018, p. 121).

E, para as Práticas Corporais de Aventura na Natureza, para os 8º e 9º anos, apresenta o seguinte quadro de objetivos e conteúdos que devem servir de orientação para os professores e unidades escolares:

Figura 2 - Quadro de Objetivos e Conteúdos de Educação Física do 3º Ciclo – 2º Bloco para as Práticas corporais de aventura

8º ANO		9º ANO	
OBJETIVOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer e vivenciar algumas práticas corporais de aventura na natureza adaptando tais práticas ao contexto da escola.</li> </ul>	<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Características gerais das práticas corporais de aventura na natureza</li> </ul>	<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de práticas corporais de aventura na natureza, compreendendo a importância de adotar procedimentos de segurança e preservação do meio ambiente.</li> </ul>	<p><b>Práticas corporais de aventura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Práticas corporais de aventura na natureza (escalada, <i>mountain bike</i>, trilhas, corrida de aventura, <i>slackline</i> etc.)</li> <li>• Procedimentos de segurança e preservação do meio ambiente</li> </ul>

Fonte: Distrito Federal, 2018, p.125

Para o 2º Bloco, repetem-se as mesmas informações e divisões das Práticas Corporais de Aventura Urbanas do 1º Bloco, porém se diferenciado na questão da preservação do meio ambiente e nos exemplos de práticas que servem de referência, sendo elas a “escalada, *mountain bike*, trilhas, corridas de aventura, *slackline*, etc.” (Distrito Federal, 2018, p. 125).

#### 4. CAPÍTULO 2. REVISÃO TEÓRICA: DEFINIÇÕES, CLASSIFICAÇÕES E PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As Práticas Corporais de Aventura (PCAs) ainda são um fenômeno relativamente recente no universo da Educação Física, porém com uma ascensão crescente. Segundo Inácio (2020), elas compreendem atividades exercidas em ambientes urbanos ou na natureza que possuem como característica o risco controlado, sendo isso um atrativo para a sua realização.

A conceituação dessas práticas também é recente, podendo-se encontrar diversas denominações na literatura científica, como os termos “Esportes Radicais” e “Esportes de Aventura”, “Atividades de Aventura”, entre outros. Para esse trabalho, optou-se por utilizar a denominação “Práticas Corporais de Aventura”, em vista de esse termo ser utilizado pela Base Nacional Comum Curricular (2018), fundamentando-se assim esse estudo com foco na área escolar.

Betrán e Betrán (1995) foram os primeiros autores a promover uma classificação sistematizada dessas práticas. Inácio (2021) resume essa classificação desses autores, baseando-se na seleção de critérios em cinco grupos: o entorno físico (o meio em que ocorre a prática), o entorno pessoal (dimensão emocional e material-tecnológico das práticas), as atividades (práticas já conhecidas pelo grande público), a qualificação meio ambiental (grau de impacto ambiental causado pela prática) e o entorno social (quantidade de pessoas envolvidas na prática e se há colaboração).

Posteriormente, Franco *et al.* (2014) sintetiza uma classificação derivada de Betran e Betrán (1995), classificando as PCAs conforme o meio, sendo práticas de meio terrestre, aquático ou no ar, além de exemplificar e descrever diferentes modalidades que podem ser integradas em cada meio.

Tahara (2004) apoiado pela terminologia de Betrán (2003) utiliza a denominação “Atividades Físicas de Aventura na Natureza – AFAN”, para Atividades de Aventura realizadas na natureza, designando-se como

toda e qualquer atividade feita em meio natural, portadora de características peculiares, envolvendo os aspectos do risco controlado e permeado pelo limite das vivências lúdicas, numa busca pelas sensações e emoções junto ao meio ambiente natural (Tahara, 2004, p. 17).

Nos recentes Jogos Olímpicos de Verão de Tóquio 2020, foram introduzidas três modalidades de “Esportes Radicais”, sendo elas o *skate*, o *surfe* e a escalada esportiva. Segundo Armbrust e Pereira (2023), essas novas atrações deram uma maior visibilidade para essas práticas corporais, o que condiciona um maior interesse por esse tipo de atividade, tanto para praticantes quanto para profissionais interessados em atuar nessa área, em ambientes escolares ou não. Além disso, para os autores, muitas dessas práticas resgatam períodos passados, em que crianças e jovens brincavam em ambientes pré-urbanizados com mais liberdade, em parques e árvores de forma lúdica e que o desafio proposto por essas atividades recupera sentimentos dessas brincadeiras passadas.

Assim como os autores citados, Marinho e Schwartz (2005) também corroboram com a visão do potencial lúdico das Práticas Corporais de Aventura. Segundo os autores, a vivência do risco calculado potencializa o sentimento de



desafio, o que é uma característica motivadora dessa prática. Para eles, o elemento lúdico dessas práticas é manifestado

por meio do controle que se dá em todas as esferas da atividade. A partir desse controle, o risco, embutido nas atividades, é minimizado, garantindo-se, com isso, a fruição da ludicidade com todas as suas potencialidades (Marinho; Schwartz, 2005, p. 1).

Como aponta Pereira *et al.* (2008), ainda há a necessidade de formular conceitos e discussões sobre o tema. Para o grupo, as PCAs são comumente associadas a esportes radicais, com a sensação de risco inerente a eles e propostos como modalidades características da ideia de “novos esportes”. Esses esportes

contém características do esporte tradicional, mas o praticante busca nele outro motivo para a prática ou então muda determinados códigos no jogo encontrando um sentido mais individualizado à prática (Pereira, 2008, p. 20).

Para caracterizar melhor esses esportes, apoiado por Ferreira (1989), Pereira *et al.* (2008) subdivide em duas categorias principais: Esportes Radicais de Ação ou de Aventura. O primeiro está associado à “manobra” como símbolo principal, como a capacidade de fazer. O segundo, associado ao imprevisível, correlacionado com as atividades na natureza. A Figura 3, um quadro proposto por Pereira *et al.* (2008), exemplifica essa classificação:

Figura 3 – Quadro de classificação de Esportes Radicais

ESPORTES RADICAIS		
MEIO	AÇÃO	AVENTURA
Aquático	Surf, windsurf	Mergulho (livre e autônomo), canoagem (rafting, caiaque, aqua ride, canyoning)
Aéreo	Base jump, sky surf	Paraquedismo, balonismo, voo livre
Terrestre	Bungee Jump, sandboarding	Montanhismo (escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, rapel, arvorismo); mountain bike (down hill, cross country), trekking
Misto	Kite surf	Corrida de Aventura
Urbano	Escalada indoor, skate, patins in line, bike (trial, bmx)	Le parkour

Fonte: Pereira *et al.* (2008, p. 28)

Além dessa classificação, Pereira *et al.* (2008) também elabora um quadro de classificação com vista a caracterizar os esportes radicais seguindo diferentes aspectos a fim de diferenciar os esportes radicais de ação e de aventura por meio de características históricas, sociais, capacidades físicas e motoras predominantes, entre outras. Abaixo, a tabela proposta pelo grupo:

Figura 4 – Quadro de caracterização de Esportes Radicais

ESPORTES RADICAIS		
Característica	AÇÃO	AVENTURA
Habilidade	Predomina a estabilização	Predomina a locomoção
Capacidade física	Predomina a força potente A velocidade das manobras exige força e velocidade	Predomina a resistência A estratégia e a escolha ganham importância
Surgimento	Como atividade de lazer e uso do tempo livre	Como expedição ou exploração (militar, econômica ou científica)
Etimologia	Manifestação de força e energia, movimento, comportamento, e atitude	Experiências arriscadas, incomuns, perigosos e imprevisíveis
Objetivo	O lazer é o principal motivo As competições geram eventos de grande importância	Forte relação entre lazer e turismo Usado como educação
Local	Urbano e natureza Espaços construídos e eventos da natureza (onda, vento)	Natureza e urbano Espaços naturais (a meta é sair de um ponto e chegar a outro)
Público	Média entre 15 e 25 anos	Média entre 25 e 35 anos
Perigo	Socorro mais próximo Menor ação do clima	Socorro mais distante Maior ação do clima
Organização	Existem regras, associações e formação de tribos	Existem regras, associações e formação de equipes
Mídia	Busca captar a manobra Relaciona-se com público alvo na: atitude, vestimenta, comportamento e linguagem	Busca captar uma história Relaciona-se com o público alvo na ecologia, qualidade de vida e meio ambiente

Fonte: Pereira *et al.* (2008, p. 29)

No entanto, importante salientar que, apesar de possuírem características de “Novos Esportes”, as atividades de aventura não possuem em sua essência elementos esportivos de competição, busca por rendimento, entre outros. Para Marinho e Schwartz (2005), apoiados por Marinho e Bruns (2003), afirmam que nas atividades de aventura com objetivo de lazer e/ou educação ambiental não ocorrem

treinamentos intensivos prévios (como no caso dos esportes tradicionais e de práticas corporais como a ginástica e a musculação). A experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados (Marinho; Schwartz, 2005, p. 1).

Para Inácio (2021), há uma insuficiência de classificações propostas para a inserção de PCAs no ambiente escolar, visto que classificações prévias seguem a lógica dessas práticas no âmbito do lazer, esporte ou turismo. Assim, nesse artigo

ele propõe uma nova classificação, com enfoque nos elementos constituintes das PCAs, para assim, tornar a implementação delas mais realista com os contextos escolares. Dessa forma, ele utiliza os seguintes elementos: “Deslocamento, Sentido do deslocamento, Formas de deslocamento, Impulso motriz, Risco e Aventura” (Inácio, 2021, p. 1). Assim, o autor subdivide esses elementos com as seguintes características:

Quadro 1 - Classificação resumida das Práticas Corporais de Aventura segundo os elementos constituintes apresentada por Inácio (2021)

Elementos Constituintes	Tipos
Deslocamento	Horizontal, Vertical ou Misto.
Formas de Deslocamento	Rolamento; Deslizamento; Queda Livre ou Controlada; ou Habilidades Corporais.
Impulso	Força Humana, Gravidade, Vento ou Saltos.
Aventura – Risco Controlado	

Fonte: Inácio (2021)

Sobre essa classificação, Inácio (2021) diz que ela é uma proposta que não busca aplicar as PCAs segundo a lógica característica dessas práticas fora do ambiente escolar, mas sim propõe uma classificação que contribui para o professor utilizar dela para tornar essas vivências alinhadas com um ensino-aprendizado crítico, em que o estudante possa perceber e analisar quais são os elementos presentes nas práticas para além das vivências tradicionais das PCAs. Acerca disso, ele afirma:

Entendemos que a classificação aqui apresentada pode contribuir na direção de uma EF crítica, uma vez que propõe reflexões e decisões coletivas (professor/a + alunos/as) sobre as PCAs que serão desenvolvidas em aula, ao invés de uma pedagogia que apenas reproduz na escola a mesma lógica desenvolvida nestas PCAs enquanto conteúdos do Lazer e/ou do Esporte (Inácio, 2021, p. 8).

Segundo Darido e Junior (2015), os conteúdos da Educação Física são frequentemente marcados por uma ênfase excessiva nos conhecimentos procedimentais, “como se deve fazer”, porém os conteúdos devem ser trabalhados em todas as dimensões, sejam elas de forma conceitual, procedimental e atitudinal. Diante disso, busca-se que professores de Educação Física trabalhem seus conteúdos promovendo discussões sobre “o que se deve saber” e “o que se deve saber fazer”, de forma a desenvolver um conhecimento geral da Educação Física e que os estudantes recebam uma bagagem conceitual e reflexiva acerca dos conteúdos propostos em ambiente escolar.

Dessa forma, para Tahara e Filho (2013), apoiados por Pereira e Armbrust (2010) indicam o que pode ser ensinado em cada dimensão no tocante às Práticas Corporais de Aventura. Para a dimensão conceitual, pode-se utilizar

os aspectos históricos das modalidades, seus principais equipamentos, os atletas famosos, os locais de prática e seu contexto geográfico e discussões inerentes à preservação ambiental, entre outros (Tahara; Filho, 2013, p. 63).

Para a dimensão procedimental, dar

ênfase nas técnicas de movimentos e de segurança, adaptações necessárias das modalidades para cada faixa etária, condições da escola para possíveis improvisos que possibilitem a prática, entre outros (Tahara; Filho, 2013, p. 64).

E, por fim, para a dimensão atitudinal promover

valores formativos como respeito às normas de segurança, ética nas modalidades, relações sociais e psicológicas inerentes às práticas (cooperação, coragem, liderança, gestão de conflitos, etc.) nos vem à mente para que os educandos possam receber isto da maneira mais harmônica, reflexiva e natural possível (Tahara; Filho, 2013, p. 64).

Assim como esses autores, Capaverde *et al.* (2012) afirma que alinhando-se a temática dos esportes de aventura ao meio ambiente, indica-se a necessidade de trabalhar de forma conceitual conceitos e classificações, além de esclarecer

os esportes como fenômeno em nossa sociedade e suas relações com o meio; conceito de meio ambiente de forma ampla incluindo nela as relações sociais, econômicas, políticas e culturais do homem; noções de preservação, do por que preservar, das causas e efeitos da degradação da natureza e as relações do homem com o meio ambiente na prática do esporte junto à natureza (Capaverde *et al.*, 2012, p. 53).

Alinhado com essa ideia, para Franco (2008) as PCAs possuem a característica de aproximar o ser humano com a natureza e o meio ambiente, promovendo uma relação de respeito com o local em que a prática está sendo realizada. Assim, explorar esse lado ambientalista da prática, trazendo uma perspectiva interdisciplinar para a Educação Ambiental, pode servir para ampliar o leque de metodologias para o ensino de práticas corporais de aventura no contexto escolar.

A Educação Ambiental é entendida como um

processo de aprendizagem permanente baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica (Barros, 2000, p. 89).

Conforme exposto por Marinho e Schwartz (2005) e por Souza e Sousa (2013), faz-se necessário uma abordagem interdisciplinar para a inserção das Práticas Corporais de Aventura como integrante curricular da Educação Física. De forma a atingir um pleno potencial educativo de Educação Ambiental e para o lazer, é importante que sejam trazidos conhecimentos de outras áreas, como a Ecologia e o Turismo, a fim de que a educação vinda da abordagem das PCAs seja feita de forma positiva. Para os primeiros autores, apenas a vivência dessas práticas por si só não traz a sensibilização pela Educação Ambiental, visto que isso depende

do tratamento educativo que recebem e das atitudes e dos comportamentos das pessoas e/ou grupos ao iniciarem um envolvimento com atividades ao ar livre. Portanto, faz-se necessária uma intervenção pedagógica interdisciplinar (Marinho; Schwartz, 2005, p. 1).

Além disso, os autores salientam a importância dessas práticas para a formação do sujeito como ser ativo no mundo, ao perceber-se como integrante nas ações de preservação, visto que os seres humanos não se tornam “apenas espectadores, mas participantes efetivos das decisões planetárias quanto ao destino do ambiente” (Marinho; Schwartz, 2005, p.1).

No entanto, como aponta Inácio *et al.* (2020), o ensino de práticas corporais de aventura nas escolas dentro das aulas de Educação Física ainda são insuficientes, havendo muitos obstáculos que afastam a inserção dessas práticas no ambiente escolar. Alguns fatores como a carência de espaços e materiais adequados, o risco de acidentes e a dificuldade de conduzir as aulas sem uma formação adequada, entre outros, são relatados no estudo de Inácio *et al.* (2020).

Conforme Inácio (2013), a falta de conhecimento sobre o tema, marcado pela ausência de componentes curriculares acerca das PCAs na maioria dos cursos de formação de professores de Educação Física em ensino superior no Brasil, também é um problema para a não inserção de PCAs nas escolas.

Para Inácio *et al.* (2016), como o risco de acidentes está presente nas PCAs, também cabe ao professor adaptar materiais e equipamentos adequados para suas aulas, priorizando a segurança de seus estudantes. Porém, ele ressalta que em um âmbito geral, a maioria dos outros conteúdos da Educação Física também possui risco, porém com menos destaque em comparação às PCAs.

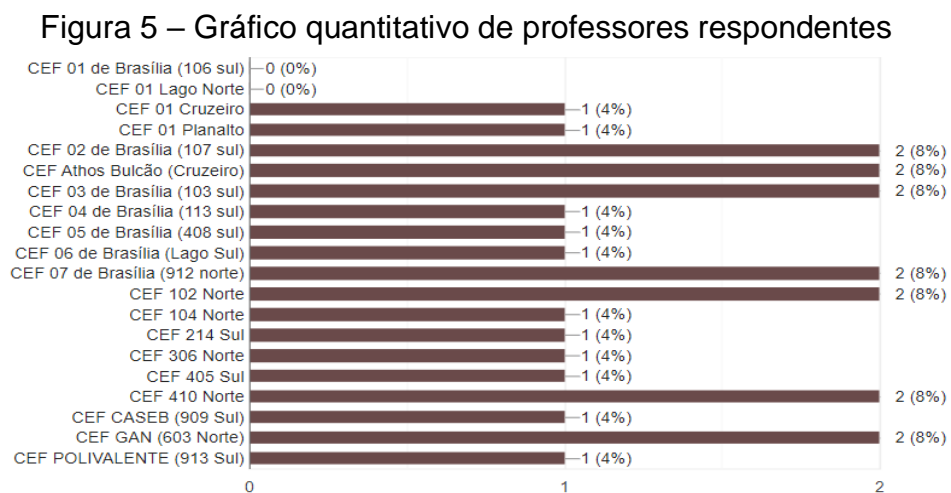
Em um estudo de revisão sistemática, Silva *et al.* (2022), afirma que a introdução das PCAs em ambiente escolar pode ser realizada por

utilização de vídeos, fotos e a exploração do conteúdo, favorecendo a aproximação do aluno com a realidade de cada esporte através de aulas práticas, em que o professor atuante pode explorar a natureza e ambientes ao ar livre, utilizando materiais mais acessíveis que aproximem o discente da realidade da prática (Silva, 2022, p. 13).

Além disso, os autores deste estudo reafirmam que a falta de locais e materiais apropriados, além da formação insuficiente para as práticas são dificuldades apontadas nos principais artigos revisados.

## 5. CAPÍTULO 3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

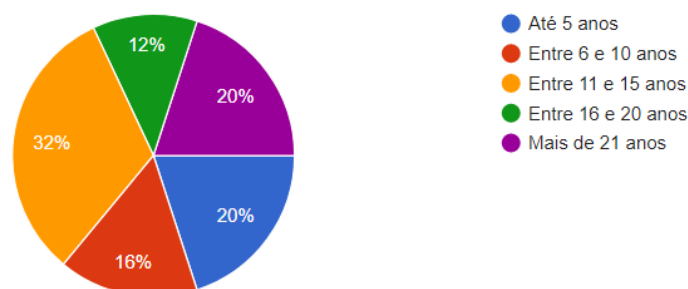
Das 20 escolas possíveis, foi possível coletar respostas de 25 professores de 18 escolas. Dentre esse quantitativo, 15 professores respondentes são homens, 9 são mulheres e 1 optou por não se identificar. Abaixo, o gráfico quantitativo das escolas e quantos professores responderam o questionário:



Fonte: Google Forms

A seguir, quando perguntados sobre o tempo de atuação pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), obteve-se uma amostra diversificada, com a maioria respondente (32%; 8 professores) tendo entre 11 e 15 anos de atuação. Ademais, 20% (5 professores) possuem mais de 21 anos, 20% (5 professores) possuem até 5 anos, 16% (4 professores entre 6 e 10 anos e 12% (3 professores) entre 16 e 20 anos. Abaixo, a relação disposta em gráfico:

**Figura 6 – Gráfico quantitativo de anos atuantes na SEEDF**



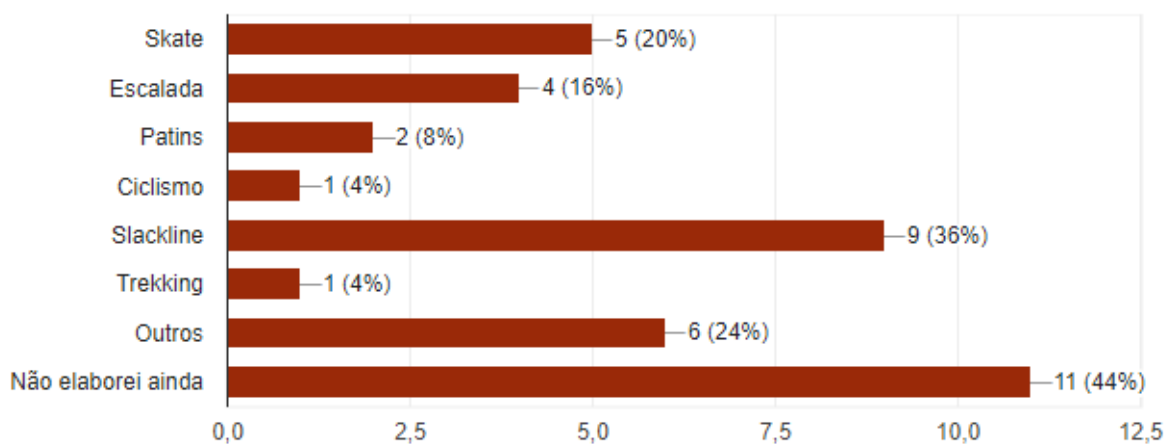
Fonte: Google Forms

No tocante aos Anos do Ensino Fundamental em que cada professor atua, 60% da amostra (15 professores) atuam no 6º ano, 60% (15 professores) atuam no 7º ano, 44% (11 professores) atuam no 8º ano e 36% (9 professores) atuam no 9º ano.

A seguir, iniciando as perguntas acerca da implementação de PCAs nas aulas práticas de Educação Física, 44% da amostra (11 professores) afirmaram nunca ter trabalhado esse conteúdo, enquanto 56% (14 professores) afirmaram que já elaboraram aulas envolvendo esse conteúdo.

Em seguida, os professores foram perguntados quais atividades de PCAs foram realizadas. Para essa pergunta, era possível marcar mais de uma opção de atividade. 36% dos professores (9 professores) já realizaram aulas com *Slackline*, 20% (5 professores) já realizaram aulas com *Skate*, 16% (4 professores) de Escalada, 8% (2 professores) de patins, 4% (1 professor) de ciclismo, 4% (1 professor) de *Trekking* e 24% (6 professores) marcou a opção “Outros”. Abaixo, essa relação em gráfico:

Figura 7 – Gráfico quantitativo de PCAs realizadas pelos professores



Fonte: Google Forms

Aos 6 professores que marcaram “Outros”, foi disponibilizado um espaço para eles discorrerem quais foram essas atividades. 2 professores afirmaram já terem realizado aulas envolvendo *Le Parkour*, 1 professor já elaborou “Caminhada ao ar livre” e 1 professor de “Corrida Orientação”. Os outros dois professores afirmaram já

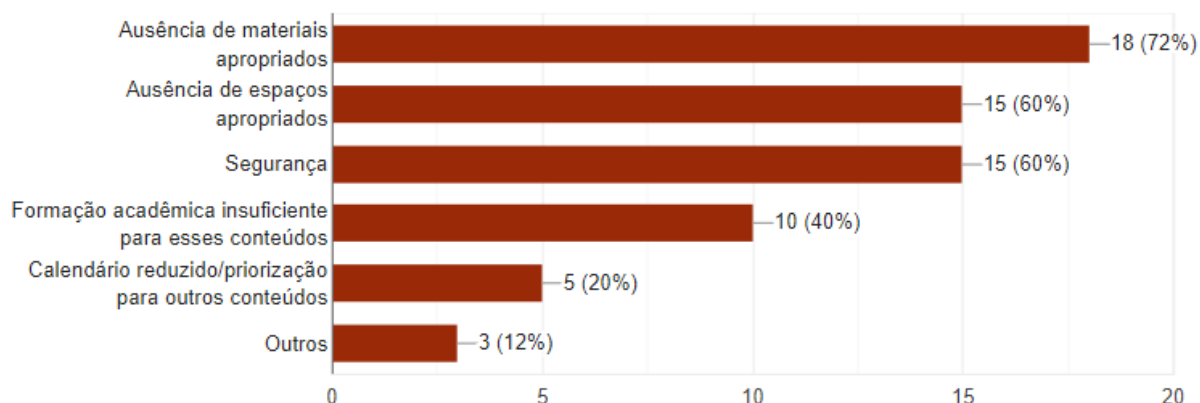


terem realizado aulas envolvendo “Treinamento funcional, Step, *CrossFit* adaptado” e outro de “Técnicas de respiração e aulas de flexibilidade”.

Acerca disso, é possível interpretar que, como afirma Inácio *et al.* (2016), há uma carência na BNCC no tocante à classificação e definição das PCAs para a implementação destas na escola. Ao se tratar como elementos constituintes o risco e a vertigem, a classificação do documento torna-se insuficiente para diferenciar essas práticas dos demais conteúdos da Educação Física, que em geral também possuem esses elementos. Assim, é compreensível que professores possam entender que o “Treinamento funcional, Step, *CrossFit* adaptado” são atividades que envolvem o risco e a vertigem e poderiam se enquadrar como atividades de aventura. Além disso, “Técnicas de respiração e aulas de flexibilidade” também são elementos presentes na maioria das PCAs, ainda que não postos na BNCC, o que inviabiliza um esclarecimento sobre se essas atividades configuram ou não um conteúdo de PCAs.

A seguir, os professores foram perguntados sobre as principais dificuldades encontradas para a inserção do conteúdo das PCAs dentro de suas vivências escolares. Para essa pergunta era possível marcar mais de uma opção de dificuldade. 72% da amostra (18 professores) marcaram a opção “Ausência de materiais apropriados”, 60% (15 professores) marcaram a opção “Ausência de espaços apropriados”, 60% (15 professores) marcaram “Segurança”, 40% (10 professores) marcaram “Formação acadêmica insuficiente”, 20% (5 professores) marcaram “Calendário reduzido/priorização para outros conteúdos” e 12% (3 professores) marcaram “Outros”. A seguir, essa relação em gráfico:

Figura 8 – Gráfico quantitativo de dificuldades encontradas pelos professores



Fonte: *Google Forms*

Dentre esses 3 professores que marcaram “Outros”, um professor relatou que a “Autorização da direção da escola” é uma dificuldade encontrada e outro afirmou ainda ser inexperiente na docência, atuando em seu primeiro ano como professor no momento da pesquisa, e que, por conta de seu planejamento ainda não foi possível realizar esse conteúdo. O outro professor, apesar de não relatar outra dificuldade afirmou: “Os motivos acima dificultam, em modalidade um motivo dificulta mais que os outros, mas ainda assim não impedem a implementação. Se organizar dá pra fazer” (P23, homem).

Assim como essa pesquisa, outros estudos obtiveram resultados equivalentes no tocante às dificuldades encontradas. Em uma pesquisa semelhante realizada por Souza e Sousa (2013) em escolas públicas de Belém/PA, percebeu-se que a falta de recursos materiais e espaços específicos e adequados para as PCAs também foi a dificuldade mais direta apontada pelos professores. Para a dupla, isso evidencia um processo histórico de sucateamento da educação pública, que interessa uma sociedade capitalista e que acaba gerando um sentimento de conformismo dentro da realidade escolar. Além desse estudo, outra pesquisa, de Inácio *et al.* (2020), realizada em escolas públicas de Goiânia/GO também apontaram a falta de espaços e materiais apropriados como os principais impeditivos.

Ademais, é interessante perceber como a questão da “Segurança” é fortemente atrelada ao conteúdo das PCAs, tendo a opção marcada por 15 professores. Inácio *et al.* (2016) apontam que os riscos de acidentes estão presentes na maioria das outras atividades exercidas na Educação Física devido ao contato

físico, boladas, escorregões, quedas, entre outros fatores. No entanto, acentuam-se os riscos nas PCAs em comparação as outras de forma distorcida, em razão do risco controlado ser um elemento presente em seu cerne. Deste modo, cabe uma reflexão se as PCAs propostas realmente causariam um risco de acidentes maior em comparação aos demais conteúdos da Educação Física escolar.

Além disso, ambos os estudos citados anteriormente concordam que a ausência de uma formação acadêmica inicial sobre as Práticas Corporais de Aventura nas instituições de nível superior, assim como a importância dada a outros conteúdos também são dificuldades encontradas pelos professores.

Em sequência, os professores foram questionados sobre os ambientes utilizados para as atividades, se foram dentro ou fora das dependências escolares e se foi necessário improvisar os espaços. Ao todo 12 professores responderam esse questionamento. Dentre eles, 7 professores afirmaram utilizar somente espaços internos à escola, 3 utilizaram somente ambientes externos e 2 afirmaram utilizar ambos os espaços. Dentre os professores que afirmaram utilizar somente espaços internos à escola, o professor P11 afirmou ter realizado aulas teóricas dentro de sala de aula, o professor P16 afirmou utilizar a quadra esportiva da escola. Além disso, os professores P18, P13 e P25 afirmaram utilizar espaços internos, porém com improviso e adaptação. A professora P22 afirmou já ter realizado aulas de *Slackline* em ambientes internos à escola, porém devido à chuva teve que improvisar os espaços. O professor P3 já realizou aulas envolvendo Escalada, sobre isso ele discorre:

Utilizei a estrutura do muro de escalada que é montada uma vez ao ano para ser utilizada no torneio esportivo da escola. Um profissional da equipe gestora é praticante da modalidade e consegue essa estrutura, além de ter os equipamentos necessários para a prática. Além da parte procedimental aproveitamos o conteúdo para abordarmos o conteúdo na dimensão conceitual e atitudinal, explorando história e características da modalidade, assim como a questão da preservação do meio ambiente (P3, homem).

Aos professores que afirmaram utilizar espaços externos à escola, somente um especificou utilizar a quadra residencial próxima à escola. Ao todo, 5 professores afirmaram terem necessitado improvisar os espaços para suas aulas.

A alternativa proposta por diversos autores, como Souza e Sousa (2013) e Inácio *et al.* (2020), de utilizar de passeios em ambientes fora da escola alinhando

com profissionais específicos, como trilhas, parques ecológicos, espaços urbanos, academias, entre outros, para promover o ensino das PCAs não foi utilizada por nenhum professor respondente do questionário, demonstrando que eles apenas promoveram essas vivências em aulas programadas dentro de seus tempos de aula ou em eventos esportivos internos e que as saídas das escolas foram apenas por necessidade e/ou improvisação.

A seguir, os professores foram questionados acerca de quais materiais eles utilizaram e se foi necessário improvisá-los. Ao todo, 13 professores responderam esse questionamento. Os professores P1 e P12 afirmaram não utilizar materiais, enquanto o professor P24 afirmou utilizar os disponíveis, porém não especificou quais. A professora P22 afirmou utilizar o equipamento de *Slackline* que ela já possui, enquanto o professor P16 afirmou utilizar materiais próprios dos alunos. Dentre os materiais específicos foram listados: “Muro de escalada, mosquetão, corda, “cadeirinha” e freio.” (P3, homem); “Caixotes” (P5, mulher); “Bastão (Vassoura), pesos, corda de equilíbrio, step, tapetes de EVA, cordas e colchonetes.” (P9, homem); “Bússola, régua, cronômetros” (P10, não identificado); “Elástico, skates, bancos de cimento.” (P13, mulher); “Skate, pista de skate emprestada pela Federação de Skate do Distrito Federal, *slackline* próprio.” (P25, homem). A professora P18 afirmou ter necessidade de improvisar os materiais, porém sem especificar quais.

No tocante aos materiais, é interessante ver a diversidade de instrumentos utilizados pelos professores para o ensino de PCAs. Alguns mais simplificados necessitando de adaptações ou materiais especializados próprios dos professores ou emprestados por profissionais ou federações. Segundo Inácio *et al.* (2020), quando se refere à ausência de materiais apropriados, uma grande dificuldade apontada pelos professores,

podemos adaptar materiais do cotidiano reutilizando-os para as práticas de aventura, solicitando, também, aos alunos alguns desses materiais; isto é estratégia metodológica indicada em praticamente todas as proposições de inserção das PCAs na EF. Levando-se em conta a situação histórica da escola pública brasileira, sem recursos financeiros para suas demandas pedagógicas de toda sorte, a adaptação e mesmo o improvisado se fazem necessários (Inácio, 2020, p. 13).

Essa sugestão de Inácio *et al.* (2020) foi plenamente adotada por alguns dos professores respondentes ao questionamento.

Quando perguntados se já perceberam algum interesse por parte de seus estudantes para aulas de Práticas Corporais de Aventura, 24 professores (96%) afirmaram que já perceberam e somente um (4%) nunca percebeu. Os resultados mostrados demonstram que, apesar de muitos professores ainda não terem proposto aulas envolvendo o conteúdo de PCAs nas escolas, seus estudantes possuem algum tipo de conhecimento acerca dessas práticas e que se interessam pela temática.

Além disso, quando perguntados se existe algum tipo de apoio por parte da equipe gestora da escola para a inserção de PCAs nas aulas, 7 professores (28%) afirmaram não haver apoio, 9 professores (36%) afirmaram haver apoio e 9 professores (36%) marcaram “em parte”, mostrando assim que apenas 9 professores recebem um pleno apoio da gestão escolar.

No estudo de Souza e Sousa (2013) citado anteriormente, também se chegou à conclusão que a falta de apoio da gestão escolar para a inserção das PCAs, além de toda a comunidade, é uma grande dificuldade encontrada. Em casos que dependam de saída das dependências escolares, por exemplo, os autores afirmam que a gestão de transportes e a autorização da escola e dos pais e/ou responsáveis são grandes desafios encontrados pelos professores de Educação Física.

Acerca da utilização de meios audiovisuais para a exposição do conteúdo de PCAs, seja por filmes, apresentações, vídeos, entre outros, 18 professores (72%) já utilizaram esses mecanismos e 7 (28%) nunca utilizaram. Dentre as opções listadas, a mais utilizada foi a de Vídeos (17 professores), as outras foram Filmes (8 professores), Apresentações (6 professores), *Podcasts* (2 professores) e Outros (2 professores). Isso demonstra que, apesar de 11 professores afirmarem anteriormente ainda não terem elaborado aulas práticas de PCAs, ao menos 7 destes desenvolveram aulas teóricas sobre o tema envolvendo outras ferramentas de ensino.

Sobre alinhar o conteúdo de Práticas Corporais de Aventura com temas transversais de preservação ambiental e/ou dos espaços urbanos, 13 professores afirmaram já terem utilizado essa metodologia e 12 nunca fizeram esse alinhamento. Acerca disso, o professor P9 corrobora com a ideia de preservação dos espaços para uma melhor qualidade de vida e a professora P18, além de utilizar esse

método, enfatiza a importância de proporcionar diferentes conteúdos além do usual. Aos que nunca utilizaram essa temática em aulas de PCAs, alguns relataram motivos que dificultam a inserção do conteúdo em suas vivências, como a inexperiência e a falta de recursos. Sobre isso o professor P23 diz:

Trabalhei em várias escolas, cada uma com sua realidade própria. Em algumas o problema maior era a falta de espaço, em outras a falta de material, em outras as duas coisas. Em todas as escolas, a minha falta de um domínio mais profundo do conteúdo, que me fez optar por priorizar modalidades/conteúdos que fossem mais interessantes de improvisar e conseguir alcançar os objetivos pretendidos (P23, homem).

Ao final do questionário, foi disponibilizado um espaço para os professores discorrerem comentários que pudessem enriquecer a pesquisa. O professor P3 diz: “Acredito que em várias escolas não se tenha o apoio e estrutura que temos aqui para a modalidade escalada, mas isso não pode ser um fator que faça com que não possamos desenvolver o conteúdo” (P3, homem). O professor P7 afirmou que esse conteúdo estava em seu planejamento em anos anteriores, porém ele não executou. No entanto, ele afirma que sua unidade escolar está com uma maior abertura para passeios fora da escola e tentará executar PCAs em suas aulas. O professor P16 afirma ser um praticante da modalidade de *Mountain Bike*, e que gostaria muito que fosse executada em suas aulas, porém as dificuldades listadas afastam essa inserção dentro de sua realidade. A professora P22, que já elaborou aulas com *Slackline*, diz que uma dificuldade é que muitas escolas que ela já passou não possuía espaços para montar o aparelho. O professor P17 ressalta a importância de diversificar conteúdos para aulas de Educação Física, sobre isso ele afirma: “Inovação e renovação são palavras que devemos utilizar no nosso ecossistema educacional, para mudar o paradigma da Educação Física que a muito é definido pelo “Quarteto Fantástico” (Futebol, Handebol, Basquete e Vôlei)” (P17, homem).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a pesquisa tinha como objetivo geral identificar se existem professores e escolas públicas em Brasília/DF que proporcionam vivências e conteúdos de Práticas Corporais de Aventura. Além disso, objetivava verificar quais atividades estavam sendo exercidas e como elas estavam sendo realizadas, além de compreender as principais dificuldades encontradas pelos professores que afastam a inserção plena desse conteúdo para seus discentes.

O objetivo geral foi alcançado, percebendo-se que dentro da amostra de 25 professores respondentes, 18 professores já abordaram o conteúdo das PCAs dentro de suas aulas (ainda que alguns destes apenas de forma teórica) e que 14 destes realizaram aulas práticas com diferentes modalidades de PCAs. Além disso, é interessante analisar que apenas um professor nunca percebeu interesse de seus estudantes sobre as PCAs, o que demonstra que, apesar da recente relevância dessas modalidades na mídia social e da recente introdução desse conteúdo na Base Nacional Comum Curricular (2018), muitos estudantes já reconhecem a existência desse tipo de atividade e se interessam pelo tema.

Além disso, percebeu-se uma grande variedade de práticas que foram elaboradas pelos 14 professores, sendo mais utilizadas as modalidades de *Slackline*, *Skate* e Escalada. Em geral, muitos professores afirmaram haver a necessidade de adaptar e/ou improvisar espaços e materiais, o que se alinha com a proposta de Inácio (2020) apontada anteriormente nos resultados, além de alguns professores ressaltarem utilizar materiais e espaços especializados, cabendo assim o empenho desses profissionais de buscarem a melhor alternativa possível conforme o contexto de cada escola.

Acerca das dificuldades encontradas, foram muitas as relatadas pelos professores, sendo os desafios mais presentes a carência de materiais e espaços apropriados e a segurança. Importante ressaltar que, apesar de 14 professores afirmarem já ter trabalhado o conteúdo das PCAs em suas aulas de forma prática, praticamente todos assentiram haver ao menos uma dificuldade dentro de suas vivências. Isso demonstra a importância que se dá pela busca de apoio e incentivo à educação pública, para ampliar as alternativas de ensino ao professor de Educação

Física, de forma a aprimorar suas aulas e tornar sua didática condizente com o desenvolvimento integral de seus estudantes incentivado pela Base Nacional Comum Curricular (2018) e pelo Currículo em Movimento do Distrito Federal – Ensino Fundamental Anos Iniciais – Anos Finais (2018).

A relevância desse trabalho se deu para contribuir em ampliar reflexões para diferentes tipos de profissionais que trabalham em unidades escolares de educação básica sobre a oferta de vivências e conteúdos que se diferenciam do genérico percebido em aulas de Educação Física escolar, a fim de fomentar a importância conceitual e prática que as Práticas Corporais de Aventura podem trazer ao desenvolvimento das pessoas, no tocante ao reconhecimento de questões culturais, sociais e da aproximação com a questão ambiental. Dessa forma, esse estudo corrobora com a visão de que a inserção da PCAs no ambiente escolar deve vir de forma interdisciplinar, trazendo conhecimentos de outras áreas, como as ciências naturais, a ecologia, a geografia, o turismo, o lazer, entre outras.

Para isso então, é importante fomentar que na formação inicial devem-se ampliar diferentes tipos de aprendizados aos professores de Educação Física, em virtude de que muitos docentes sentem-se incapazes de aplicar esse conteúdo em suas aulas devido à carência em sua formação, dificuldade apontada por 10 professores na pesquisa em questão.

No entanto, é um fator limitante dessa pesquisa afirmar sobre como instituições de nível superior vem promovendo conhecimentos acerca das PCAs aos professores de Educação Física graduados ou em processo de graduação, cabendo estudos e pesquisas posteriores sobre isso. Além disso, como o foco dessa pesquisa foi apenas aos Anos Finais do Ensino Fundamental, também caberiam pesquisas futuras sobre como a inserção desse conteúdo vem sido atrelado a escolas e professores que trabalham no Novo Ensino Médio, que passa por mudanças estruturais recentes.

Outro fator limitante da pesquisa foi abordar somente unidades escolares da Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/Cruzeiro, o que se torna incapaz de se ter uma afirmação assertiva sobre como as Práticas Corporais de Aventura são adotadas nas demais regiões do Distrito Federal. Nesse sentido, também



caberiam pesquisas futuras em outras localidades de Brasília/DF para ampliar o estudo em questão.

Por fim, a investigação da pesquisa trouxe resultados interessantes que se alinham com outras pesquisas que foram realizadas sobre a inserção de PCAs em ambiente escolar, como as de Souza e Sousa (2014), Tahara e Darido (2018) e de Inácio (2020). O ensino das PCAs sem dúvidas é desafiador para os professores de Educação Física, as dificuldades apontadas são muito limitantes e cada escola possui características e contextos próprios que podem afastar a implementação desse conteúdo. No entanto, em vista ao enorme potencial educativo dessas práticas, é papel desse estudo incentivar os professores e escolas a sempre estarem em processo de inovação, buscando assim o conhecimento e possibilidades de intervenção dessas modalidades dentro de seus contextos escolares.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018.
2. BARROS, M.A. **Outdoor Education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura**. In: SERRANO, Célia. (org.). **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chornos. 2000.
3. BETRÁN Javier Olivera, BETRÁN Alberto Olivera. **Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. Marco conceptual y análisis de los criterios elegidos**. Apunts. Educación Física y Deportes, 41, 108-123.
4. BETRÁN, J. O. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza**. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) **Turismo, Lazer e Natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202.
5. CAPAVERDE, Mariane Rech; MEDEIROS, Tiago Nunes; ALVES, Sérgio Luiz Chaves. **ESPORTE DE AVENTURA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ALTERNATIVA AO ALCANCE DOS PROFISSIONAIS?**. Revista Vento e Movimento - FACOS/CNEC; Osório N° 1, Vol. 1, abril/2012.
6. DARIDO, Suraya Cristina; JUNIOR, Osmar Moreira de Souza. **Para ensinar educação física: Possibilidades de intervenção na escola**. Papirus Editora, Campinas/S” 2015.
7. DISTRITO FEDERAL. **Currículo em movimento do Distrito Federal: Ensino Fundamental Anos finais – Anos finais**. 2° ed., Secretaria de Educação Distrito Federal, Brasília, 2018.
8. FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
9. FRANCO, Laércio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura na escola: uma proposta nas três dimensões do conteúdo**. 2008. 134 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008.

10. FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo, DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: González FJ, DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de, editores. **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem; 2014. p. 101-35.
11. INÁCIO, Humberto Luís de Deus; MORAES, Tais Messias; SILVEIRA, Amanda Bárbara. **Educação Física e Educação Ambiental Refletindo Sobre Formação Docente**. Conexões. V.11 (4). p.01-23, Campinas. 2013.
12. INÁCIO, Humberto Luís de Deus; CAUPER, Dayse Alisson Camara; SILVA, Luzia Antônia de Paula; MORAIS, Gleison Gomes de. **Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular**. Motrivivência v. 28, n. 48, p. 168-187, setembro/2016.
13. INÁCIO, Humberto Luís de Deus; SOUSA, Caroline Castro; MACHADO, Lídia Ferreira. **A presença das práticas corporais de aventura em escolas públicas da região metropolitana de Goiânia: um estudo exploratório**. Motrivivência, (Florianópolis), v. 32, n. 63, p. 01-16, Universidade Federal de Santa Catarina, julho/dezembro de 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.
14. INÁCIO, Humberto Luís de Deus. **Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 43, agosto de 2021.
15. KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
16. MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa Turini. **Turismo, Lazer e Natureza**. Caderno Virtual de Turismo. Vol 3, número 1. São Paulo, 2003
17. MARINHO, Alcyane; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Atividades de Aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor**

- educativo.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 88 – Setembro/2005. Disponível em < <https://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm> >. Acesso em 29 de maio de 2023.
18. MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
  19. PEREIRA, Wuo Dimitri; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. **ESPORTES RADICAIS, DE AVENTURA E AÇÃO: CONCEITOS, CLASSIFICAÇÕES E CARACTERÍSTICAS.** Revista Corpo consciência, Santo André, vol. 12, n. 1, pág. 18-34, jan/jun 2008.
  20. PEREIRA, Wio Dimitri; ARMBRUST, Igor. **PEDAGOGIA DA AVENTURA – OS ESPORTES RADICAIS, DE AVENTURA E DE AÇÃO NA ESCOLA.** Versão Digital, 3ª edição, Editora Fontoura. Várzea Paulista/SP, 2023.
  21. SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo, Cortez, 2013. E-pub, Edição 23.
  22. SILVA, Brenda Carvalho; LIMA, Gustavo de Sá Oliveira; VILANOVA-CAMPELO; Regina Célio. **PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REVISÃO SISTEMÁTICA.** Recima 21 – Revista Científica Multidisciplinar ISSN 2675-6218, v.3, n.7, julho/2022.
  23. SOARES, C. L.; *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física/coletivo de autores.** São Paulo: Cortez, 1992.
  24. SOUZA, Ramon Luiz Cardoso de; SOUSA, Vera Solange Pires Gomes de. Atividades de aventura na natureza e o ensino da Educação Física em escolas públicas de Belém-PA: possibilidades e desafios. **Entre cultura, currículo e professor de educação física: diálogos sobre a Educação Física.** 01 ed. Belém: Cromos, 2013.
  25. SOUZA, Mauro José de; CAVALCANTE, Joás Dias de Araújo; SCHWINGEL, Jorge Carlos. **Esportes de Aventura na Educação Física**

- Escolar: realidade, necessidades e possibilidades.** Revista Panorâmica, v. 27, 2019.
26. TAHARA, Alexander Klein. **A ADERÊNCIA ÀS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA, NO ÂMBITO DO LAZER.** Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, novembro/2004.
  27. TAHARA, Alexander Klein; FILHO, Sandro Carnicelli. **A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física.** Arquivo de Ciências do Esporte, v. 1, n.1, p. 60-61, maio/2013.
  28. TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. **Diagnóstico sobre a abordagem das Práticas Corporais de Aventura em aulas de Educação Física Escolar em Ilhéus/BA.** Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 973- 986; julho/setembro de 2018.